

Universidade de Brasília – UnB.
Instituto de Artes – IdA.
Departamento de Artes Cênicas – CEN.

GUSTAVO SANTANA XAVIER COSTA

O ENSINO DA NARRATIVA POR MEIO DA MAQUIAGEM

Brasília/ DF
2011

Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Artes – IdA
Departamento de Artes Cênicas – CEN

O ENSINO DA NARRATIVA POR MEIO DA MAQUIAGEM

Trabalho apresentado ao Departamento de Artes Cênicas como requisito parcial para a obtenção de licenciatura em Artes Cênicas na Universidade de Brasília.

Orientadora: Prof.^a Mestre Sonia Maria Caldeira Paiva.

Brasília
2011

AGRADECIMENTOS

A gratidão surge de um coração que reconhece e dá valor as pessoas que ao decorrer da vida nos auxiliam na construção do saber. Se nascemos, nascemos por meio de um encontro de dois amantes. O que dá origem a vida é o encontro, e o que faz a vida ter sentido é a partilha. Por isso, não posso deixar de expressar um coração agradecido as pessoas que, para mim, foram importantes.

Agradeço a Deus pai, que por meio de seu filho Jesus Cristo, demonstrou o significado da palavra amor e me sustentou durante toda essa jornada. Agradeço aos meus pais Ivo e Rita por serem meu sustento e minha fortaleza e por me ensinarem a ser homem. À minha irmã Maysa, ao meu cunhado João Paulo e ao meu sobrinho Bernardo por serem aconchego e exemplo de determinação. À Professora Sonia Paiva que desde o primeiro momento acolheu a proposta de pesquisa e me motivou a aplicá-la. Com ela aprendi como ser artista. Ao professor Jesus Vivas com quem aprendi técnicas de maquiagem. A todos os meus amigos a quem eu pude me achegar, conversar, sorrir, brincar e muitas vezes chorar. Vocês me ensinaram a ser fraternos. A todos os alunos e colegas que participaram do projeto *O ensino da narrativa por meio da maquiagem*, que estiveram comigo durante essa fase de encerramento e também início, pois com eles aprendi a ser professor.

Às vezes, pelas tardes, uma face nos observa do fundo do espelho; a arte deve ser como este espelho que nos revela a própria face.

Jorge. L. Borge

RESUMO

O presente trabalho é uma proposta metodológica, onde por meio da narrativa e da maquiagem busco resgatar a autonomia do sujeito no espaço educacional e no teatro. Portanto, esta metodologia pode ou não se adequar a outras práticas escolares, porém o que fundamenta esta proposta é atender a necessidade dos alunos perante a realidade que eles vivenciam.

PALAVRAS CHAVE: Autonomia, Educação, Maquiagem, Narração, Pedagogia Teatral e Sujeito.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1 – Peça O Auto da Compadecida 2010 (Cena do cortejo inicial).....	11
Imagem 2 – Peça O Auto da Compadecida 2010 (Cena entre o padre e a mulher do padeiro).....	11
Imagem 3 – Exercício de descarnamento facial.....	13
Imagem 4 – Exercício de alargamento facial.....	13
Imagem 5 – Representação da maquiagem da personagem Cisne Negro.....	14
Imagem 6 – Maquiagem feita pela aluna.....	15
Imagem 7 – Cópia da revista Capricho.....	15
Imagens 8, 9 e 10 – Configuração espacial da aula - espetáculo.....	17
Imagem 11 – Larissa em cena narrando sua trajetória de vida.....	18
Imagem 12 – Amanda, 16 anos, 8ª série.....	32
Imagem 13 – Andressa Kaleanny, 14 anos, 8ª série.....	32
Imagem 14 – Andressa Oliveira, 13 anos, 7ª série.....	33
Imagem 15 – Bruna, 14 anos, 8ª série.....	33
Imagem 16 – Júlia, 13 anos, 7ª série.....	34
Imagem 17 – Lucas, 14 anos, 8ª série.....	34
Imagem 18 – Larissa, 15 anos, 8ª série.....	35
Imagem 19 – Márcia, 14 anos, 8ª série.....	35
Imagem 20 – Rafael, 14 anos, 8ª série.....	36
Imagem 21 – Rodrigo, 14 anos, 8ª série.....	36

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
HISTÓRICO DA PESQUISA	10
Aplicação do primeiro questionário.....	12
As aulas de maquiagem artística.....	12
Avaliação das oficinas por meio de um vídeo e a aula-espetáculo	16
EDUCAÇÃO SUGERE MUDANÇA.....	20
Educação libertadora.....	26
MAQUIAGEM E NARRATIVA SE RELACIONAM PARA BUSCAR O AUTOCONHECIMENTO	29
A maquiagem como necessidade específica de um grupo que busca entender a estética da cena....	29
Ampliando a possibilidade da maquiagem.....	30
A maquiagem na aula- espetáculo.....	31
Narrativa.....	37
Narrativa e teatro.....	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
REFERÊNCIAS	41

INTRODUÇÃO

Aprender a assistir e interpretar uma história
é aprender a construir a própria história.
(DESGRANGES)

Ao me aproximar da realidade educacional depois de adulto, tanto nos estágios curriculares como sendo professor voluntário, percebi que o processo de construção do conhecimento, muitas vezes, não cumpre o papel em promover a formação do sujeito, de um ser pensante que pode produzir ideias, que é singular, não levando, muitas vezes, a formação humana. Ainda somos marcados por relações ditatoriais onde em alguns casos o aluno é mero receptor de uma educação conteudista e bancária. Vivemos ainda a realidade que é estigmatizada por um passado próximo marcado pela imposição – o aprender por aprender – sem que o aluno saiba o que ele pode fazer com um excesso de conteúdo.

Mas como podemos mudar essa história? Como mudar a realidade que está a nossa frente? Foi pautado nestes questionamentos que eu tomei a decisão de experimentar através do instrumento de ensino que domino – a maquiagem – como veículo de mudança.

Fui convidado por uma professora amiga a assumir o grupo de teatro “*Os Saltimbancos*” do CEF 05 de Brasília, uma vez que faltava um professor habilitado para lidar com a linguagem teatral. Os ensaios do grupo eram basicamente voltados para o texto sem a mínima preocupação estética e corporal dos adolescentes-atores. O desafio que enfrentamos no *O Auto da Compadecida* no segundo semestre de 2010 foi proveitoso, já que os alunos-atores tinham consciência da espacialidade cênica e do jogo em cena. Enfim, muitos objetivos foram alcançados, mas outras metas surgiram.

Após um semestre de convívio com os alunos pude notar que a maior dificuldade deles era na construção do personagem e que talvez por vergonha de se exporem, não conseguiam se perceberem como personagens. Cabia a mim, como educador, criar métodos lúdicos que permitisse o desenvolvimento no processo criativo. A partir da necessidade foi que surgiu essa metodologia que busca motivar o aluno e criar a sensação de liberdade em cena.

Enxerguei na maquiagem um bom começo para que os alunos tivessem contato concreto com a construção da personagem. A caracterização permitiu uma maior aproximação entre ator e personagem, uma vez que é uma exteriorização daquilo que eles deviam alcançar. Mas, a maquiagem por si só não bastaria. Era preciso que soubessem também desenvolver a capacidade de narrar um fato ou uma história, pois em cena é isso que acontece: um personagem que narra sua história seja pela oralidade ou pelo movimento corporal, daí foi preciso integrar narrativa e maquiagem.

Desta maneira, surgiu então, uma pesquisa coletiva que tanto partiu da necessidade dos alunos quanto de um professor atento que tentou suprir a carência dos alunos na construção da linguagem cênica. O projeto resultou em, aproximadamente, 15 oficinas de técnicas de maquiagem e em uma aula-espetáculo, que foi a culminância do processo de pesquisa, onde os alunos construíram uma maquiagem que os definissem enquanto seres humanos, baseados em suas trajetórias de vida e que por meio dessa “máscara”, narraram suas vidas. Portanto, o presente trabalho é uma reflexão desta metodologia de ensino que leva em consideração os múltiplos saberes e também a interdisciplinaridade entre maquiagem, narrativa, encenação, e a vida que modela o ser humano.

Sendo assim, esta monografia é constituída de três capítulos; o primeiro situa o leitor sobre como, quando e onde aconteceu esta pesquisa; o segundo embasa a metodologia criada; e o terceiro e último capítulo relaciona a maquiagem e a narrativa com a vivência dos alunos.

Ao leitor desejo aproximação destas vidas que estão vinculadas a esta pesquisa e que reflitam sobre esta metodologia de ensino não como absoluta e nem totalmente eficaz, mas simples, humana e adequada a uma realidade específica.

HISTÓRICO DA PESQUISA

O grupo de teatro do CEF 05 de Brasília nasceu como proposta do projeto político pedagógico da escola no ano de 2010, uma vez que neste ano a arte e cultura tinham lugar de destaque. A professora de geografia Ana Bárbara Bezerra e a coordenadora pedagógica Maria de Lourdes tomaram a frente do projeto, já que a escola não possuía nenhum profissional das Artes Cênicas. Em 2010 os alunos apresentaram duas peças: *Os Saltimbancos*¹ e *O Auto da Compadecida*². A primeira no início de julho e a segunda no início de dezembro, ambas aconteceram no Teatro dos Bancários na quadra 314 sul. O grupo passou a se chamar *Os Saltimbancos*, tanto por ser o título da peça que apresentaram, quanto pelo significado da palavra. Inicialmente o grupo foi formado por 25 alunos dos dois turnos. Os ensaios aconteciam sempre aos sábados das 8h00min as 12h30min.

Ao ser convidado pela professora Ana Bárbara para ajudar na direção do segundo espetáculo, percebi a defasagem que os adolescentes tinham em relação à linguagem teatral. Após a apresentação da peça decidi continuar com eles para desenvolver um projeto de pesquisa que fosse de encontro às necessidades deste grupo. A pesquisa se concentrou na maquiagem como metodologia didática buscando alcançar a exteriorização da personagem, para que assim os alunos pudessem diferenciar ator e personagem. Julguei necessário trazer para o projeto a narrativa oral como meio de compreensão “do quem sou”. Trazendo um questionamento que pudesse enriquecer esta metodologia.

¹ O musical foi inspirado no conto Os Músicos de Bremen recolhido pelos Irmãos Grimm e adaptado por Sergio Bardotti como uma alegoria política, na qual o Burro representaria a inteligência; a galinha, a classe operária; o cachorro, os militares e a gata os artistas. O barão, inimigo dos animais, é a personificação da elite, ou dos detentores do meio de produção. (WIKIPEDIA)

² Auto da Compadecida é uma peça teatral em forma de auto, em três atos escrita em 1955 pelo autor brasileiro Ariano Suassuna. É um drama do Nordeste do Brasil. Insere elementos da tradição da literatura de cordel, de gênero comédia apresenta traços do barroco católico brasileiro, mistura cultura popular e tradição religiosa. Apresenta na escrita traços de linguagem oral por demonstrar na fala do personagem sua classe social, apresenta também regionalismos pelo fato de a história se passar no nordeste e o autor ter nascido lá. (WIKIPEDIA)



Imagem 1: Peça O Auto da Compadecida 2010 (Cena do cortejo inicial)



Imagem 2: Peça O Auto da Compadecida 2010 (Cena entre o padre e a mulher do padeiro).

As oficinas de maquiagem foram aplicadas nas segundas feiras no turno vespertino para 11 alunos de diferenciadas turmas do grupo de teatro *Os Saltimbancos*. Por serem de diferentes turmas trabalhava com dois a três alunos por vez, por isso foi muito tranquilo de alcançarmos os objetivos de cada aula-oficina. Os alunos tinham entre 11 e 16 anos e maior parte mora nas regiões administrativas próximas ao Plano Piloto. A regência das oficinas estava ligada ao estágio supervisionado 2 e rendeu pouco mais de 50 horas aula. Acredito que as 50 horas aulas foram suficientes, pois já conhecia os alunos e podia exigir mais deles, porém se fosse com uma turma que não tivesse uma maior proximidade ficaria inviável a execução das oficinas neste mesmo tempo. Cada oficina tinha a duração de 45 minutos e acontecia na sala de artes. O espaço não era devido e não haviam recursos instalados para que as oficinas acontecessem, portanto pude disponibilizar todo material, desde espelhos até as maquiagens.

Os 11 alunos que participaram das oficinas tiveram que entregar um portfólio e um relatório para a professora Joelma como método de avaliação, uma vez que as oficinas aconteciam na aula de artes plásticas. Em todas as aulas os alunos tiravam fotos de seus próprios celulares, ou câmeras digitais com o objetivo de colher material para as avaliações. Não tivemos problemas com a avaliação, pois todos os alunos entregaram os trabalhos nas datas previstas.

Aplicação do primeiro questionário

Antes mesmo que aulas de maquiagem começassem, julguei necessário aplicar um questionário para sondar o que os alunos entendiam por maquiagem, se já haviam se maquiado, a relação entre maquiagem e personagem e até mesmo perguntei- os sobre a importância do teatro em suas vidas. O resultado do questionário foi esclarecedor, uma vez que os alunos não tinham um vocabulário amplo sobre a linguagem teatral e isso fez com que, juntos, pudéssemos encontrar novas propostas de fazer teatro.

Vi que a linguagem teatral dos alunos era mínima e quando pedi no questionário que citassem alguns atores e até mesmo peças de teatro, todos citaram peças e atores que a televisão ou o cinema já produziram. Nenhum aluno foi capaz de citar um ator da cidade e muito menos um que fosse exclusivo do teatro. O que mais me preocupou foi o desenho que estava no final do questionário (em anexo). O desenho deveria ter dois rostos; um como eles se enxergavam e o outro caracterizado ou maquiado com uma personagem qualquer. Os desenhos mostraram que os alunos não conseguem perceber suas maiores características e muito menos não sabem definir uma personagem. Quanto à maquiagem os alunos só conheciam maquiagem social, ou seja, a maquiagem que está vinculada a estética do cotidiano, aquela que as mulheres usam para valorizar a sua beleza. A maioria nunca tinha ouvido falar em maquiagem artística.

As aulas de maquiagem artística

Após a aplicação do questionário começaram as oficinas de maquiagem. As oficinas aconteceram do dia 09 de maio ao dia 27 de junho. A primeira oficina tinha o objetivo de entender anatomicamente o rosto humano, como ele era formado, do que era formado e como podíamos usar a maquiagem para dar características à criação. Na mesma aula pude ensinar os materiais básicos para se fazer uma maquiagem, a finalidade de cada um e também o tratamento da pele antes e depois da aplicação da maquiagem.



Imagem 3: Exercício de descarnamento facial



Imagem 4: Exercício de alargamento facial

As oficinas tiveram como metodologia a proposta do professor *Jesus Vivas*³. Em sua dissertação de mestrado sugere técnicas para o estreitamento e alargamento do rosto, maquiagem de envelhecimento, maquiagem de descarnamento facial e várias outras que não foram usadas durante o processo. As aulas aconteciam da seguinte forma: em uma semana expunha e ensinava a técnica para os alunos, na outra semana eles tinham que por em prática aquilo que haviam aprendido na aula anterior. As aulas tiveram de acontecer desta forma porque o tempo da aula era muito pouco, apenas 45 minutos semanais, ou seja, não dava para ensinar a técnicas e os alunos praticarem na mesma aula.

Nas quatro primeiras semanas as aulas foram ótimas e dei as mesmas técnicas de maquiagem para alunos do 7º ao 9º ano, sem que houvesse dificuldade na realização das tarefas, porém na aula da técnica de caveira, duas turmas não conseguiram fazer a maquiagem proposta. Foi quando tive que repensar o “conteúdo” e a metodologia que estava usando. As turmas que não conseguiram foram justamente as mais novas, percebi que a capacidade motora ainda não está suficientemente pronta para exigência da atividade. Então, a partir dessa aula o conteúdo que estava sendo o mesmo para todas as turmas passou a se diferenciar e caminhar em ritmos diferentes. Enquanto estava ensinando envelhecimento para os alunos

³ Professor Mestre da Universidade de Brasília que defendeu seu mestrado com a: *A maquiagem no processo de construção da personagem*. Durante alguns anos foi professor da matéria maquiagem 1 e ainda é professor de Direção teatral.

do 9º ano para os do 7º tive que propor caracterização de *clown*, pois os traços são mais fáceis e o material utilizado mais maleável.

Na última aula foi proposto que levassem uma maquiagem que eles tinham vontade de aprender a fazer. A maioria das meninas levou maquiagens sociais tiradas de revistas de adolescentes e os meninos por sua vez levaram maquiagens de ferimento ou de monstro. Apenas uma menina do 9º ano fez a maquiagem de uma personagem, ela fez a maquiagem do cisne do filme *Cisne Negro*⁴.

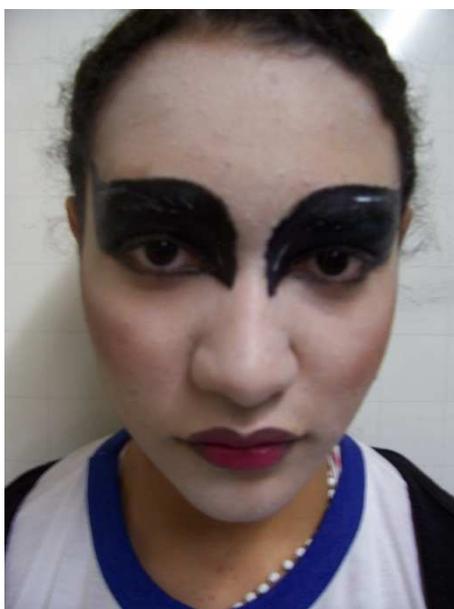


Imagem 5: Representação da maquiagem da personagem Cisne Negro

⁴ *Black Swan* (*Cisne Negro*) é um filme de suspense e drama psicológico estadunidense dirigido por Darren Aronofsky e estrelado por Natalie Portman, Mila Kunis, Vincent Cassel, Barbara Hershey e Winona Ryder.



Imagem 6: Maquiagem feita pela aluna



Imagem 7: Cópia da revista Capricho

Uma das maiores dificuldades enfrentadas neste processo foi a documentação em vídeo e foto, já que só é permitida por lei a documentação com a autorização dos pais. Por isso, tive que, juntamente com direção da escola elaborar, uma circular solicitando tal autorização. Essa parte burocrática fez com que não pudesse documentar o início do processo, porém para que isso não fosse perdido pedi que os próprios alunos tirassem as fotos em seus celulares e guardassem para depois, com autorização em mãos pudesse usá-las em minha monografia.

As oficinas de maquiagem passaram a ser, para alguns alunos, lugar além da escola, pois segundo os próprios alunos a escola significa lugar de sofrimento. Nas oficinas podiam ouvir a música que queriam e também conversar sobre assuntos que não estavam associados diretamente com aula. Com isso os alunos começaram a me questionar o motivo pelo qual os outros professores não se aproximavam deles como eu me aproximava. As oficinas eram sempre regadas a muitos questionamentos e muitas ideias. Uma aluna se sentiu tão livre, que relatou uma dificuldade que vinha sofrendo em casa e me pediu ajuda. Entendi nesse momento qual é o meu papel na escola, não ser mero professor, mas sim educador que não está preocupado em repassar conteúdo apenas, mas entender a individualidade de cada aluno e respeitá-lo em suas particularidades.

Sei que existe todo um cuidado na relação professor/ aluno e que o professor não está na escola para ser psicólogo de aluno. Mas, acredito ter reavivado nos meus alunos a possibilidade de entender que a escola pode ser um ambiente mais agradável se cada professor for mais atencioso e disposto a viver uma realidade que não está vinculada apenas no limite do muro da escola, mas sim que depois do muro o mundo pode ser tanto maravilhoso quanto cruel, e que a escola está inserida neste mundo.

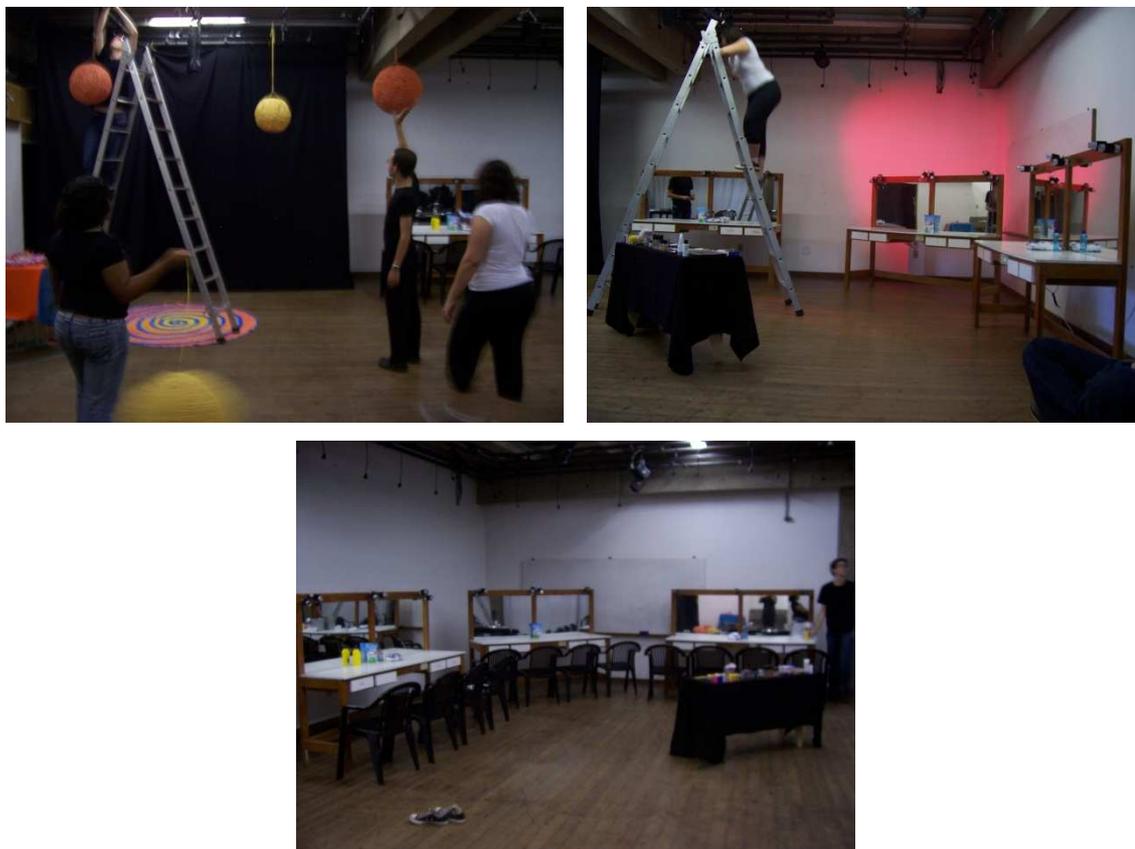
Avaliação das oficinas por meio de um vídeo e a aula-espetáculo

Para que a oficina alcançasse seu objetivo técnico e reflexivo julguei necessário colher dos alunos suas opiniões, sentimentos e críticas sobre a primeira fase desta pesquisa. Em frente à câmera eles responderam a várias perguntas sobre o processo de construção do aprendizado. Muitos deles tiveram dificuldades em relatar suas experiências e não conseguiram desenvolver uma linha de raciocínio. Outros poucos, falavam demasiadamente e tentaram demonstrar que haviam aprendido algo. Esse vídeo apresenta também a visão crítica de alguns professores que acompanharam o processo, além de documentar a culminância do projeto: a aula-espetáculo.

A aula-espetáculo aconteceu dia 14 de outubro das 13h30minh às 17h na sala BT- 016 no Departamento de Artes Cênicas da UnB, já que este espaço ofereceu a estrutura que precisávamos: penteadeiras, iluminação, pia etc. Participaram da aula-espetáculo os 11 alunos envolvidos com teatro da escola. Pretendemos em 2012 dar seguimento ao espetáculo pois desta vez não foi possível trazer o 48 alunos à UnB, tanto pela dificuldade de conciliar horário, já que são de diversas turmas, quanto pela falta de espaço e de material.

As professoras envolvidas com o teatro do CEF 05 levaram os alunos em seus carros particulares. Na chegada encontraram um espaço propício à criação, já que tinha muitos estímulos visuais e inseriam eles em um contexto diferenciado da sala de aula, onde estavam acostumados a fazer as oficinas. A sala foi dividida em espaços que dialogavam entre si. O primeiro espaço era marcado apenas por um grande foco de luz que servia para recepcionar e preparar os nossos corpos para o trabalho, o segundo era o espaço da maquiagem que possuía três penteadeiras e uma bancada de maquiagens e o terceiro espaço era delimitado por um tapete em forma de espiral, que servia de “palco”, onde os alunos narravam suas trajetórias de vida por meio da maquiagem. O quarto espaço foi pensado para a cantora e atriz Fernanda

Jacob que por meio da música integrava e preparava o ambiente para momentos específicos. As músicas foram feitas pela própria Jacob tendo como temática a maquiagem, o ser criança, a brincadeira, o jogo, enfim a ludicidade.



Imagens 8,9 e 10: Configuração espacial da aula - espetáculo.

Assim como os espaços, a aula-espetáculo foi dividida em módulos. Ao chegar na sala os alunos tiraram os sapatos e deitaram no chão, ouviram uma música que acalmava-os e anunciava um pouco do que iria acontecer. Em seguida fizemos um aquecimento corporal e também fizemos quatro jogos teatrais que trabalhavam com a construção da personagem e a narrativa. Depois desta preparação pedi aos alunos que elaborassem uma maquiagem que exteriorizasse a personalidade e a história de vida, ou seja, que eles revelassem aquilo que são por meio da maquiagem. Alertei-os que podiam ou não usar as técnicas que eles aprenderam durante as oficinas, mas que era preciso tomar cuidado e se atentar com a higienização e preparação da pele para receber a maquiagem. Ao terminarem a maquiagem narraram suas vidas em cena e fizemos uma análise de todo o processo de pesquisa, desde o primeiro dia de aula até a culminância do projeto.



Imagem 11: Larissa em cena narrando sua trajetória de vida

Ao término da aula-espetáculo muitos alunos vieram me agradecer por possibilitar a eles uma outra forma de aprendizado e por permitir que enxergassem que cada um deles têm sua importância no mundo e um dever social, que pode ou não ser retribuído, como sinal de gratidão por aquilo que eles vivenciaram. Para que esta fala não pareça dotada de soberba e prepotência de minha parte podemos conferir nas filmagens como os alunos demonstraram ímpeto de mudança, de desejos e principalmente de sonhos.

Ainda é muito cedo para avaliar a importância e o resultado de tudo isso que estamos vivenciado, mas já consigo visualizar os primeiros resultados que me motivam e impulsionam a ser um educador. Pensemos. No CEF 05 existiam alunos e professores que desejavam fazer teatro, porém, não dominavam a linguagem, não sabiam como fazer. Depois da apresentação da peça *O Auto da Compadecida* e deste processo, os alunos começam a trilhar os seus caminhos sem precisar que tenha alguém tomando a liderança ou impondo a eles fazer alguma coisa, mas começam por si próprios a manifestar o desejo de fazer teatro, e fazem não só como brincadeira, mas como uma forma de expressão e de prazer.

Será que este trabalho não está contribuindo para formação de público em Brasília? Ou melhor, será que deste meio não pode sair cenógrafos, figurinistas e maquiadores? Enfim, pode ser que apenas uma pessoa leve a frente uma destas profissões ou se torne espectador efetivo, mas tenho certeza que através das experiências que estes alunos e eu vivenciamos

começamos a nos modificar e a enxergamos no ensino de teatro a potencialidade de um lugar afetivo, prazeroso e principalmente humano, revelando assim algumas de nossas características.

EDUCAÇÃO SUGERE MUDANÇA

A grande força motriz desse projeto e a razão de sua existência se encontra na educação. Pela educação é que ele ganha vida e sentido. Por isso é necessário fazer uma reflexão sobre a educação como lugar de conscientização social e percepção de inserção na humanidade, onde cada ser humano desenvolve sua função na construção da coletividade.

Certo dia estava fazendo uma analogia que pode parecer extremamente radical, mas que parece fazer sentido. Um educador pode tanto ser médico, como pode ser também um genocida. Médico quando percebe que cada aluno tem a sua individualidade, quando está preocupado em cuidar, zelar do outro. Um médico trata um paciente com individualidade, prescreve ao paciente um remédio que sana as suas enfermidades. Ele jamais poderá receitar aos seus pacientes um mesmo remédio. E o genocida quando enxerga o outro apenas como número, um genocida nunca pensa nas relações humanas, na fraternidade, no amor. Ele mata por interesse pessoal, não pensa no outro. Muitos educadores são genocidas, matam a criatividade, a curiosidade, o interesse, a motivação de centenas de alunos, quando apenas por uma questão salarial fazem do educar seu ofício. Repassam conteúdo sem contextualizar a sua finalidade, a sua serventia. Além de tratar seus alunos por ordem quantitativa, apenas como números.

Em 2010, estive em uma escola de ensino médio no Gama para observar a realidade e prática educacional. A observação estava associada ao estágio supervisionado 01. Durante uma semana no turno vespertino acompanhei a professora de artes cênicas. Não há muito que dizer, senão que ela não demonstrava nenhum interesse pelos alunos. No período que estive na escola ela apenas assistia o ensaio dos alunos, ensaios estes que eram como horário do intervalo, já que a professora fingia que assistia os alunos e os alunos fingiam que faziam alguma coisa.

Segundo a professora ela já não se interessava pelos alunos, pois com 16 anos de fundação educacional dizia que a maioria dos alunos não queria nada com a vida. Perguntei a ela qual critério tinha sido usado para escolha da peça que os alunos estavam ensaiando. Disse, apenas que levou os alunos à biblioteca da escola e mostrou a eles o acervo de textos dramáticos para que escolhessem qualquer um.

Outro fator interessante que observei é que a professora fazia a chamada por números, já era final do ano e ela nem se quer sabia o nome de seus alunos. Presenciei a uma aplicação de prova de outra matéria na aula da professora, pois segundo ela não havia mais conteúdo a ser dado. Por muitas vezes a professora abandonou a sala de aula com os alunos fazendo prova deixando- os assim livres para colarem.

Segundo Rubem Alves a realidade que vivi se faz presente em muitas escolas do Brasil, e é comum ouvir dos professores que existem muitos maus alunos. Alunos que não se interessam, que não almejam mudança. A grande pergunta que podemos fazer é será que são os alunos que não se interessam e por isso são considerados maus alunos? Ou são os professores que não despertam o interesse dos alunos?

Alves diz que é preciso repensar o conceito de mau aluno. Ser “mau aluno” pode ser um indício de ser bom, já que “o mau aluno” é aquele que não aceita qualquer coisa, que exige do professor um bom ensino e que por esses motivos se desinteressa.

Maus alunos na escola, tínhamos uma enorme verocidade por coisas que não estavam nos programas. Não é que nos faltasse fome. Fome nós tínhamos. O que não tínhamos era fome para comer essa gororoba padronizada que servia nos restaurantes chamados escolas. Daí passamos a fazer nossa própria comida... O que não foi mau... (Alves, 2003: 10)

Ser “mau aluno” dá trabalho ao professor, exige dele esforço para atender cada aluno. As aulas precisam ser elaboradas para que prendam a atenção e isso exige do professor um trabalho extra-escolar e muitas vezes injusto. Pode parecer que estou defendendo e olhando apenas pela perspectiva dos alunos, mas é que perante a realidade percebemos que os problemas enfrentados atualmente na educação são frutos de uma relação ditatorial de um passado próximo. Onde a relação professor- aluno era hierarquizada.

Quando comecei a frequentar o CEF 05 encontrei duas dificuldades em relação aos professores. A primeira delas era a arrogância que alguns professores tinham com os alunos. Tratavam os alunos como seres menos importantes que eles, e muitas vezes, por um “respeito” pautado no medo, os alunos acatavam os professores sem questionar.

A outra grande dificuldade foi à desvalorização da arte também pelos professores. Muitos me perguntavam qual era o meu objetivo de ensinar maquiagem aos alunos. Pareceu-me que o saber está associado somente à matemática, português e ciências. Fora isso nada mais faz sentido.

Por toda essa realidade que me assombrou em um primeiro momento foi que percebi a necessidade de dar aos alunos e aos professores um resgate de uma proposta educacional que rompesse com as estruturas cristalizadas. Como disse Paulo Freire: “A educação autêntica, repitamos, não se faz de A para B ou de A sobre B, mas de A com B, mediatizados pelo mundo. Mundo que impressiona e desafia uns aos outros, originando visões ou pontos de vista sobre eles.” (Freire, 2005: 97).

Durante o meu período escolar alguns professores, sempre repetiam uma frase (que para mim, não fazia sentido, talvez porque não acontecia na prática) “Aqui ninguém é melhor do que ninguém!”. Uma simples frase, mas carregada de significado e seria ainda mais interessante se acontecesse de verdade.

No processo de construção do saber o professor recebe a patente mais alta, pois estamos acostumados a ouvir que ele é quem sabe. O educador pode realmente ter um maior domínio do conteúdo que ministra, porém isso não impede que os alunos também tenham uma aproximação do conteúdo. O professor com base naquilo que estudou pode colaborar e aprofundar na construção do conhecimento por meio das experiências e do conhecimento que os alunos já possuem. Não há um único ser desprovido de saber e de conhecimento, por isso é tão importante a troca. Compartilhar conhecimento faz com que cada vez mais nos aproximemos da realidade do outro e assim o respeitemos.

Acredito que aprendi e refleti muito com os meus alunos durante esse ano. Eles me ensinaram, sem usar giz e quadro, e na maioria das vezes, nem sabiam que me ensinavam. “Feliz é aquele que ensina o que sabe e aprende o que ensina.” (Cora Coralina) O conteúdo que me ensinavam podia estar escrito em páginas e páginas de livros de psicologia da educação, de desenvolvimento da adolescência, que mesmo assim não ensinaria tanto se não houvesse uma aproximação e a vivência.

Assim como falei anteriormente, as oficinas de maquiagem passaram a ser um espaço de diálogo e de descontração sem que se perdesse o foco e objetivo. Durante a oficina uma das minhas alunas, do oitavo ano, me perguntou se desde pequeno queria fazer artes cênicas. Respondi a pergunta dela e a questioneei o motivo da pergunta. Disse-me que não conseguia entender essas crianças e adolescentes que se preocupam com o futuro em relação ao trabalho e que trabalhar devia ser a coisa mais chata do mundo, pois os trabalhadores desfrutam pouco em vista do tanto que trabalham. Por alguns minutos ela parou, silenciou e focou pensativa. Depois concluiu dizendo que não sabia o motivo de estar na escola, já que gostava mesmo era de ginástica artística e que se dedicava mais à ginástica do que à escola, pois era o que lhe dava prazer.

As palavras dessa menina me deixaram inquieto e reflexivo, pois fazia sentido todo seu pensamento. Rubem Alves tem uma frase que diz que matamos uma criança todas as vezes que perguntamos a ela o que quer ser quando crescer. Quando fazemos esse tipo de questionamento pensamos que uma pessoa só tem importância quando se torna trabalhador. Perguntar a uma criança o que ela quer ser quando adulta, nega quem ela é e sua importância de ser humano. Esta pergunta já faz com que a criança se preocupe com aquilo que deve ser e criamos uma falsa ideia de que o que ela é não importa.

Como dizer que a fala desta menina não está carregada de significado e que ela não tem razão em certa parte? Quando percebi que os alunos eram dotados de potencialidades e que podiam ter um discurso interessante, sempre que surgia alguma polêmica e conflito de opinião, via naquele espaço lugar para o debate e para a troca de saberes.

Outro menino me ensinou muito. Tinha o costume de ficar observando o intervalo dos alunos, às vezes, conversava com alguns, brincava com outros, enfim tentava sempre me aproximar deles. Sentei no banquinho que gostava de ficar e entre muitos alunos percebi um menino, bem mais velho que outros, chorando. Nesta hora fiquei apreensivo, pois o menino não era meu aluno e não tinha nenhuma intimidade com ele. Não sabia se me aproximava se avisava à coordenação, mas em um ímpeto de coragem, decidi ver o que estava acontecendo. Então perguntei o seu nome e sua turma e conversamos por algum tempo sem que lhe perguntasse o motivo do choro. Depois de uma conversa de uns dez minutos resolvi perguntar a razão do choro. No começo, hesitou em responder, mas em seguida se abriu e me disse que

havia se apaixonado por uma garota e que era muito tímido, e ao declarar-se para a menina, ela espalhou seus sentimentos para toda escola.

A cena parece simples e corriqueira sem muitos significados aparentes, mas para o aluno era doído viver aquilo tudo. Quando acabou de me contar o problema que passava relembrei-me da época de escola onde muitas vezes quis compartilhar com professores mais próximos coisas que não podia contar em casa. Mais uma vez aprendi. Aquele menino despertou em mim o que muitas pessoas haviam tirado: a sensibilidade de ser solícito ao outro. Falo de um saber que é a base para a boa sociabilização. Assim que chegava à escola o mesmo menino que chorava passou a me ajudar todos os dias com o meu material. Levava até a sala de artes e dizia: Aí está professor! Era como se dissesse: gratidão por ter me ouvido professor, por ter parado um instante para me escutar. E dessa maneira os alunos cada vez mais se achegavam a mim – não porque era melhor do que os outros professores, mas por que muitas vezes me dediquei a eles.

Ser querido pelos alunos trouxe muitos problemas, já que eles exigiam de alguns professores mais antigos a mesma postura que a minha e por isso passei a ter dificuldade com os outros professores, pois sempre que podiam dificultar o desenvolvimento da pesquisa assim faziam. Entendo que o que fiz foi nada menos mostrar as possibilidades de educação que temos em mãos, e que ao contrário do que muitos pensam o processo educacional pode ser prazeroso.

*Demerval Saviani*⁵ em seu livro *Pedagogia Histórico-Crítica* valoriza e entende o ser humano em suas múltiplas relações sociais, mas diz que a escola é lugar do saber sistematizado, defende o conhecimento “erudito” ou “clássico” e diz que é preciso ter cuidado com os saberes de senso comum. Diz também que é preciso tomar cuidado para que os conhecimentos extracurriculares não tomem conta do calendário letivo. Como por exemplo, festa do índio, dia das mães, semana do meio ambiente, semana da consciência negra etc.

Saviani valoriza os outros saberes e até acha importante essa humanização na escola, mas em sua fala ele alerta para que tomemos cuidados com os conhecimentos extracurriculares. Mas, não seriam os saberes comuns os verdadeiros motivadores da pesquisa erudita? Onde está a escola e qual a sua utilidade? A escola insere o aluno e o faz tomar

^{5 5} Filósofo e pedagogo brasileiro (WIKIPÉDIA).

consciência da sociedade em que vive, portanto esta sociedade é formada por muitos saberes e por uma infinidade de culturas que devem confluir na escola para que o conhecimento ocorra, não apenas um conhecimento científico, mas humano.

Há muito conhecimento sendo gerado na educação informal que pode trabalhar com a educação formal. Acho que está faltando corrente de transmissão. Os educadores vivem hoje no pior dos mundos: nem foram para aquela educação de projeto com significado e também não saíram da educação conteudista. (Dimenstein, 2003:100)

Uma das perguntas que fiz na filmagem para os alunos foi em relação ao que gostariam de aprender na escola. Todos eles responderam ou algum esporte ou algum tipo de arte. Citaram: balé, violino, aula de canto, ginástica artística, corte e costura, saberes populares. Enfim, apresentaram inúmeras possibilidades dentro de seus repertórios.

As escolas parque de Brasília têm como proposta tornar o ensino em período integral, mas, além disso, abrem a possibilidade aos alunos de aprenderem aquilo que gostam. Contudo as escolas parques se restringem apenas ao Plano Piloto não atendendo a demanda das regiões administrativas do Distrito Federal.

As oficinas de maquiagem levaram ao espaço formal a informalidade e pude mostrar que as duas educações podem ser aliadas e convergir para uma mesma finalidade. Ainda mais quando nos utilizamos da interdisciplinaridade. As oficinas de maquiagem levaram os alunos a um conhecimento anatômico de suas faces, da ossatura e musculatura, trabalhamos com o desenvolvimento da capacidade psicomotora, já que se trata de automaquiagem, aprendemos ludicamente os elementos da narrativa, na aula espetáculo, quando construímos história tendo um espaço, um tempo, um personagem, e reconhecendo que é preciso coerência para que o público assimile o que está sendo passado, trabalhamos com leitura imagética quando por meio da maquiagem entendemos que um simples traço pode significar muito em cena. Todos esses elementos foram utilizados como meio para alcançarmos a necessidade maior do grupo que era entender a relação do sujeito na construção da personagem.

Educação libertadora

Resgatar a história de vida de cada aluno por meio da maquiagem e da narrativa é fazer com que cada aluno se perceba como potencialidade de si mesmo. Não quero apenas sensibilização onde todos nós envolvidos com o projeto ache bonita a vida do outro. Trata-se

de dar autonomia para que cada um se torne sujeito da própria história. É preciso que desde a infância cultivemos um pensamento crítico da nossa realidade.

Quanto mais for levado a refletir sobre a situacionalidade, sobre seu enraizamento espaçotemporal, mais “emergirá” dela conscientemente “carregado” de compromisso com sua realidade, da qual, porque é sujeito, não deve ser simples espectador, mas deve intervir cada vez mais. (Freire, 2011, 84)

*Leonardo Boff*⁶ faz uma reflexão interessante sobre uma antiga metáfora e chega a escrever um livro com o título *A águia e a galinha*. Conta o mito que um sertanejo ao passar por um mesmo caminho para desempenhar suas atividades rurais encontra um pequeno filhote de águia na beira da estrada. Compadecido pela águia resolve criá-la no galinheiro da pequena chácara. A águia, portanto, passa a ter atitudes de galinha; começa a ciscar, comer milho e assim como as galinhas não voa, pois foi condicionada a ser “galinha”. Porém o pequeno agricultor percebe que águia tem potencialidades maiores do que as galinhas, como a de voar por exemplo. Então resolve levá-la a uma montanha e mostrar o a ela a possibilidade do vôo. Nas primeiras tentativas a águia não consegue voar, já que durante muitos anos foi criada como galinha. Quando o sertanejo estava perto de desistir da águia ela voa e não volta mais ao seu condicionamento.

Quando fui auxiliar a direção do espetáculo *O Auto da Compadecida* percebi que os alunos podiam ser mais em cena, podiam ser mais na escola. Elas eram águias, mas tratados como galinhas. O processo de conscientização de ser águia não é muito fácil, uma vez que tiramos o condicionado da sua estabilidade. Sair da condição de objeto e se tornar sujeito implica também em querer e para que querer e necessário esforço. Se hoje me esforço para mostrar a potencialidade de ser sujeito, autônomo e crítico aos meus alunos isso tudo se fundamenta e tem o objetivo de torná-los melhores cidadãos comprometidos com a política, com a sociedade, enfim com o ser humano. O desejo de mudança que tenho hoje é resultado de um processo educacional positivo, onde fui influenciado por bons professores a valorizar o homem. Diante de muitos professores reconheço a humanidade da professora *Sonia Paiva* que valoriza os múltiplos saberes e desperta nos alunos a ânsia pela pesquisa. E neste longo processo de aprendizado, cada professor se torna único na formação de cada indivíduo. Se

⁶ É um teólogo brasileiro, escritor e professor universitário, expoente da Teologia da Libertação no Brasil. (WIKIPÉDIA)

todos os seres humanos fossem marcados positivamente no seu processo de formação viveríamos num mundo mais igualitário, fraterno e amoroso.

Há muito a ser feito pela realidade do CEF 05, mas o pontapé inicial foi dado. Sinto que tive a oportunidade de mudar uma realidade pequena, mas que foi eficaz. E quero acabar este capítulo relatando mais uma experiência motivadora. Assim que a aula-espetáculo se encerrou em meio a lágrimas e sorrisos a professora de português que havia levado alguns alunos até lá me abraçou meu olhou nos olhos e disse: você realmente ainda é muito novo, mas aprendi que a educação para ser eficaz deve passar pelo amor. As palavras da professora repercutem positivamente em mim e me motivam a nunca desistir de ser algum. Ainda tenho muito que aprender, mas sei que qualquer mudança começa em mim para que depois atinja o outro. E este projeto é a minha resposta ao processo de desumanização que os professores e a educação vem sofrendo.

MAQUIAGEM E NARRATIVA SE RELACIONAM PARA BUSCAR O AUTOCONHECIMENTO

A maquiagem como necessidade específica de um grupo que busca entender a estética da cena

Acredita-se que a maquiagem surgiu ao mesmo tempo em que a comunicação, pois era necessário ao homem relatar aos seus companheiros os fatos acontecidos. Segundo *Graça Veloso*⁷ assim também surge o teatro, já que à casualidade da era primitiva o homem começa a se caracterizar para contar histórias. Dessa forma, entender o processo histórico da maquiagem é também desvendar a própria relação do homem com o mundo.

Falar de maquiagem é adentrar aos aspectos singulares do ser humano, já que a maquiagem está presente em rituais religiosos, nas expressões artísticas, no cotidiano popular, além de outros tipos de expressão. Mesmo com tanta importância na contextualização do processo histórico do homem a pesquisa de maquiagem no Brasil ainda não alcançou lugar de destaque. O material de pesquisa que é produzido nesta área aqui no Brasil é, muitas vezes, feito em línguas estrangeiras, pois o mercado exterior se interessa pelo produto. Por esse motivo é difícil encontrar pesquisas sobre maquiagem em português.

Ao longo do curso de artes cênicas sempre tive interesse pelos elementos que ampliam o aspecto lúdico da cena, ou seja, me despertava interesse a parte da construção visível de um mundo imaginário. Isso fez com que buscasse a cenografia, a indumentária e principalmente a maquiagem.

Particpei, durante um semestre, das aulas de maquiagem ministradas pelo professor Jesus Vivas. Por meio de sua técnica e metodologia pude aprender e repassar aos meus alunos a experiência que adquiri nesse período. Nas aulas de automaquiagem percebi que durante a caracterização o ator cria um espaço que pertence a personagem, e não somente a ele. A maquiagem exige do ator outra postura, assim como a máscara pede um corpo cênico.

⁷ Jorge da Graça Veloso é doutor pela Universidade Federal da Bahia, ator, diretor, dramaturgo. Escreveu sobre espetacularidade da folia do Divino Espírito Santo. Atualmente dedica-se à arte-educação na Universidade de Brasília.

O papel da personagem antes de entrar em cena e o tempo que o ator contemporâneo gasta para maquiar- se no silêncio do seu camarim é um rito de transformação e afinação que deflagra a imersão profunda no papel que será levado ao palco.(Vivas: 2003, 04)

Essa imersão na construção da personagem por meio da maquiagem é tão verdadeira e eficaz que antes da apresentação da peça *O Auto da compadecida*, após ter maquiado todos os alunos fui me maquiar, e neste momento os alunos que estavam muito agitados foram se acalmado e percebendo a construção da minha personagem através da maquiagem. Por alguns minutos tive todos os alunos ao me redor assistindo a automaquiagem. Comentavam que já não era mais o professor Gustavo e que tratava- se de outra pessoa. Tal foi o encantamento dos alunos pela maquiagem que me pediram que ensinasse - os a automaquiagem.

A partir do interesse deles pela maquiagem surgiu a proposta de uma continuação da oficina para o ano de 2011. Sabemos que teatro não é feito somente de interpretação e que ele ainda se torna mais fantástico e mais convidativo quando utiliza- se dos elementos da encenação. No entanto, aqueles alunos tinham apenas experiência com a interpretação, e ainda defasada.

O aspecto visual da cena possibilitou aos alunos uma maior compreensão do que é estética teatral e qual a sua utilidade. Naquele momento era preciso mostrar a eles a totalidade da cena para que, posteriormente, não se limitassem em sua criatividade nos próximos trabalhos por não ter domínio das técnicas teatrais (iluminação, figurino, maquiagem etc.).

Ampliando a possibilidade da maquiagem

“A maquiagem dá ao homem a possibilidade de distanciar- se de si mesmo e de seu cotidiano, mediante a transformação, simulação e criação de uma imagem que permite o contato com o desconhecido” (Vivas: 2003 09). Além das possibilidades citadas por *Jesus Vivas* enxergo outras como a aproximação e legitimação do “EU”.

A maquiagem neste projeto teve a finalidade de resgatar concretamente a busca pela definição do “quem sou” e do “que caminho percorri”. Tratava- se de resgatar a capacidade do autoconhecimento para que, assim, os alunos descobrissem que neles mora uma infinita

possibilidade de ilustração de outros seres, ou seja, antes mesmo de levar para cena uma personagem é necessário um autoconhecimento para que assim exista um trabalho de superação e aumento do vocabulário cênico.

No entanto, mesmo representando e se expondo em cena, os alunos podiam se esconder neste mesmo processo idealizando uma figura que não os representasse com veracidade. Porém, não cabia a ninguém julgar se a pessoa sendo verdadeira. Mesmo que a pessoa falseasse sua vida durante a sua narrativa ela poderia refletir sobre o motivo de não dizer a verdade, e isso pode ser interessante, pois este questionamento pode gerar a busca da própria identidade.

A maquiagem na aula- espetáculo

Duas semanas antes da aula-espetáculo entreguei aos alunos uma folha com rostos neutros para que construíssem e fizessem seu croqui* com base no comando: Faça uma maquiagem que revele você por meio da sua trajetória de vida. Não disse como e para que serviria, apenas pedi que fizessem e me entregassem no dia da aula- espetáculo.

A ideia de maquiagem que os alunos tiveram e expuseram no croqui realmente demonstrava suas características. Porém, assim como nas oficinas de maquiagem, os alunos tinham muita dificuldade em transformar o desenho em maquiagem. Talvez pela dificuldade psicomotora e também pelos volumes que a face apresenta diferentemente do papel.

Os alunos gastaram aproximadamente 45 minutos para se maquiarem. E puderam aprender com as adversidades que acabaram surgindo durante o percurso. Tentei não interferir no processo, mesmo porque estava construindo a minha própria maquiagem, no entanto algumas vezes acabei ajudando nos detalhes.

Farei um breve relato sobre os 11 alunos e sobre o que disseram em cena em relação as suas maquiagens para que seja compreendido o que aconteceu.

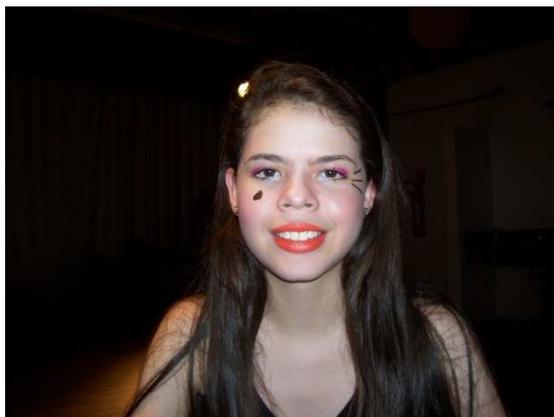


Imagem 12: Amanda, 16 anos, 8ª série.

Ela se define como uma menina delicada e meiga que não fala muito, pois em sua casa o seu irmão necessita de mais atenção. Por esse motivo prefere se isolar e silenciar muitas vezes. A lágrima negra representa esta dificuldade com o irmão. A sombra rosa e os cílios de boneca mostram a sua delicadeza perante as dificuldades da vida.

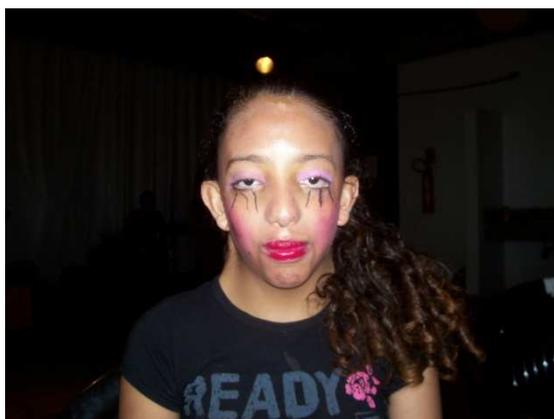


Imagem 13: Andressa Kaleanny, 14 anos, 8ª série.

Quis fazer uma maquiagem que se aproximasse da personagem *Emília* do *Sítio do Picapau Amarelo*, já que diz muito comunicativa e esperta. Contou para nós da dificuldade que tem ao desmotivada por pessoas próximas, e por isso sempre tenta ser esperta e acreditar no seu potencial. Usou cores fortes, pois acredita que sua personalidade é assim.



Imagem 14: Andressa Oliveira, 13 anos, 7ª série.

Relatou a sua trajetória de vida fazendo um paralelo com os aspectos místicos do ser humano. Falou da necessidade e do valor do respeito ao próximo.

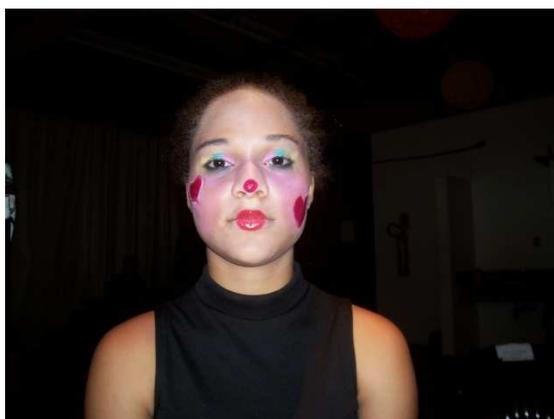


Imagem 15: Bruna, 14 anos, 8ª série.

Narrou que nasceu em uma família amorosa e atenciosa e que o que é hoje é reflexo do apoio dessa família. Disse que gosta de fazer palhaçadas e sempre está de bem com a vida, mesmo que ela não proporcione ocasiões.

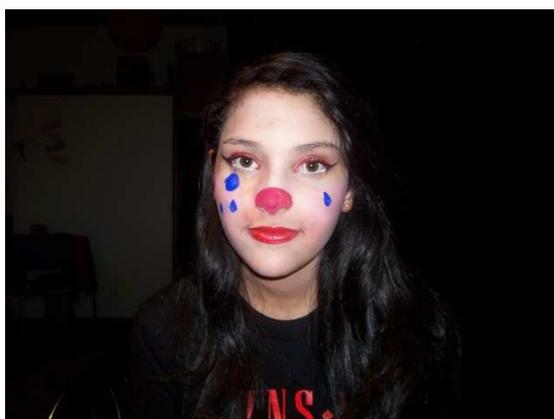


Imagem 16: Júlia, 13 anos, 7ª série.

Disse-nos que fez uma palhaça porque raramente as pessoas percebem quando está triste, porém a sua tristeza é mais frequente que a sua alegria, e que as pessoas sempre sorriem dela sem saber que o estado de ânimo não corresponde com o sentimento que ela demonstra.



Imagem 17: Lucas, 14 anos, 8ª série.

Narrou muito bem a sua história de vida. Começou contando que nasceu no Pará e que veio de uma realidade muito humilde. Sua família pensava que ao vir para uma cidade maior melhoraria as condições de vida. Segundo ele, embora a realidade não tenha mudado tanto, acha melhor ficar em Brasília, pois aqui ele tem educação de qualidade. Contou da ausência do pai e do irmão, o que o torna muito triste, e disse que não é bem visto por seus colegas de turma, pois ele se esforça para estudar enquanto os outros não.

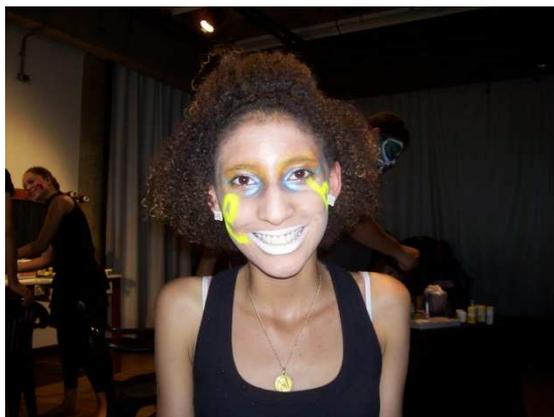


Imagem 18: Larissa, 15 anos, 8ª série.

Não contou muitos detalhes, disse apenas que enfrenta algumas dificuldades em casa e que não gosta muito de falar sobre o assunto, mas que sonha em ser estilista e já é modelo, encontrando nisso a sua realização pessoal.

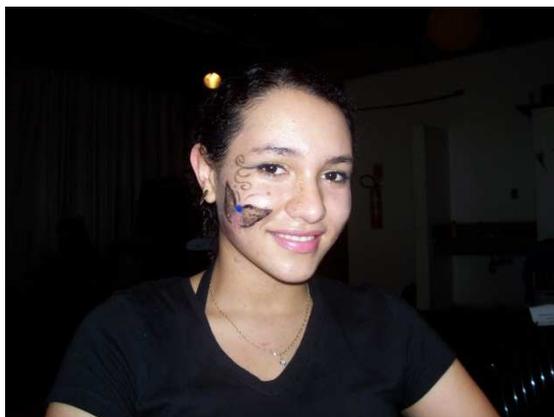


Imagem 19: Márcia, 14 anos, 8ª série.

Assim como a borboleta que está em seu rosto, Márcia falou da importância de sonhar. Apresentou-nos as dificuldades e realidade da sua família e disse que apesar de tudo sonha em um dia poder estudar cabala, esoterismo e numerologia. Acredita na sua potencialidade e disse que o seu maior desejo é a liberdade.



Imagem 20: Rafael, 14 anos, 8ª série.

Rafael não se expôs muito, disse que a personagem *Curinga* mostra a dubiedade. Um palhaço que faz seu papel inverso.



Imagem 21: Rodrigo, 14 anos, 8ª série.

Não contou a sua história, mas nos disse quem é ele hoje. Relatou os seus desejos e sonhos em estudar na Universidade Oxford e também da vontade de ser um múltiplo artista. Falou de sua paixão pela música e pela interpretação e ainda falou da complexidade em se definir.

Houve uma aluna que não quis tirar foto da maquiagem. Ela não conseguiu passar o que tinha feito no croqui para seu rosto. Tentou três vezes e não conseguiu. Porém, o seu relato foi um dos mais interessantes e críticos. Falou que os alunos até então pareciam ter uma visão muita romântica do mundo. Começou dizendo que ao contrário de todos que ali estavam não acreditava na perfeição da família, afirmou que a família é muito importante, mas disse que aprendemos mais fora dela. Disse-nos que sonhava em estudar ciências políticas para ser uma boa deputada, mas que desistiu da ideia, já que o meio não permite a honestidade. E

encerrou falando que ela não acredita em um mundo perfeito e “certinho” e que o mundo precisa dos seus erros sociais.

Narrativa

O narrar funde suas raízes na nossa ancestral herança cultural de relatar histórias. Os Seres humanos têm uma predisposição cultural primitiva e inata para organizar e para compreender a realidade de modo narrativo. A narrativa põe naturalmente os acontecimentos em perspectiva, une pontos, relaciona coisas, cria o passado, o presente e o futuro, encaixa significados parciais em sucessões, explicações e significações mais estáveis. (Motta:2005, 07)

Ao repararmos no nosso dia-a-dia perceberemos que muitas vezes contamos e ouvimos uma história. Contamos fatos corriqueiros ou mesmo acontecimento excepcionais aos nossos familiares quando chegamos em casa, ou para colegas de trabalho ou de escola. O ser humano necessita compreender o mundo e suas relações e para que isso aconteça com eficácia nos utilizamos da narração.

A narrativa está presente desde os primórdios da humanidade e também está associada à comunicação humana. Somos capazes de narrar por meio da fala, da escrita e da imagem. As pinturas rupestres já apontavam os primeiros indícios de narrativa. O homem expressou com desenhos onde e como encontrou a sua caça antes mesmo de ter uma articulação oral.

Na Grécia antiga ou no período clássico temos muitas narrativas que perpassam o tempo e que se tornam conhecidas até a atualidade. Mitos que nos fazem refletir sobre a condição humana. Alguns teóricos assumem a importância desta época na sistematização da narrativa, outros dizem que só na era medieval há uma definição do que é e os seus elementos fundamentais.

A idade média revela um período forte da narrativa, pois nessa época surgem as fábulas e as pinturas carregadas de histórias. Por ser um período de forte influência da igreja, as imagens contavam cenas da vida de Cristo e dos santos. Portanto, as igrejas góticas do Medieval revelam múltiplas histórias que são contadas através da imagem, já que a leitura era um saber de poucos e assim era necessário encontrar um meio de catequizar o povo que não fosse por meio da leitura.

Segundo *Luiz Gonzaga Motta* é neste período que começa a nascer alguns conceitos da narrativa. O conceito de espaço, de lugar, de tempo e de personagem onde desta forma se estabelece a coerência e a coesão. Estes elementos auxiliam na clareza e na objetividade da narração.

Narrativa e teatro

Os ouvintes de uma narrativa não captam apenas as sequências de acontecimentos representados (a trama o enredo), mas captam também aspectos ocultos ou virtuais das personagens e das ações que requerem uma recriação virtual das situações, dos comportamentos, da moral e da ética, pressupostos ou sugeridos pela história. (Motta: 2005, 08)

A narrativa é o que fundamenta a dramaturgia. Isso não significa dizer, no entanto, que teatro é impossível sem narrativa, mas que se entendemos os elementos pertencentes a narrativa entenderemos como construir uma cena.

Uma peça pode ser atemporal, pode não acontecer em um espaço definido, mas negar o tempo e o espaço e a sequência lógica de início, meio e fim é preciso que tenhamos conhecimento da construção destes elementos para que possamos desconstruir e brincar com as infinitas possibilidades ao fazer um espetáculo.

Perante a dificuldade dos alunos em construir uma cena percebi que o problema não se dava pela timidez, ou por preguiça, mas por não entenderem, na prática, como acontece uma história. Dessa maneira era preciso que através da oralidade, o que é comum a todos daquela turma, pudéssemos resgatar a narrativa e os seus elementos de forma simples e lúdica para transmiti-la para cena.

Era preciso exercitar e colocar em prática este pensamento, então nada melhor que narrar a trajetória de vida, já que isto é uma vivência e todos sabiam contar. Através da maquiagem que haviam feito narravam a sua trajetória de vida para posteriormente entendermos isto na construção da cena.

Portanto, este projeto não se encerra aqui. O projeto serviu para que os alunos entendessem a construção da narrativa para levarem este aprendizado para a cena e para a

construção de futuras peças. Trata-se também de uma sensibilização da pessoa humana. A partir da troca de experiências de vida cada um toma a consciência da importância e da singularidade de cada membro do grupo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Refletir e analisar sobre esse processo de pesquisa implica repensar desde o meu ensino infantil até o encerramento dessa graduação. Falei sobre o reconhecimento histórico de cada sujeito, por isso nada mais justo do que analisar principalmente a atual fase da minha vida.

A graduação me fez repensar o meu dever como cidadão e a importância de ser artista na atual sociedade. Mas do que fazer teatro ou ensinar teatro é preciso levar o público ao pensamento crítico, de análise. É preciso fazer com que o ser humano não aceite certas definições que a sociedade nos impõe. Somos livres para experimentar aquilo que nos convém. É preciso quebrar limites, romper padrões. É necessário que cada ser humano seja autêntico e único para a formação de uma sociedade que aprenda a respeitar as diferenças.

Encaro a graduação com o mesmo sentimento de descoberta, de quando entrei na universidade, sentimento de novidade, da liberdade que a academia nos proporciona. Teatro passa a ser, para mim lugar de autoconhecimento, onde percebo os meus limites e aptidões, onde vejo o homem em cena e me reconheço e identifico com ele. E a educação significa agora lugar de formação humana, de confluências de saberes, a escola é um mundo a ser explorado em um pequeno espaço.

Tenho em minhas mãos, assim como em qualquer ser humano, a potencialidade de mudança que só é possível acontecer quando tomamos conhecimento do quem somos. Ao passado fica a saudade, o futuro o sonho e o presente a atitude.

REFERÊNCIAS

BOFF, Leonardo. *A águia e a galinha: uma metáfora da condição humana*. 40. ed. Petrópolis: Editora Vozes Ltda, 2003. 206 p

COLE, Michael; COLE, Sheila. *O desenvolvimento da criança e do adolescente*. 4 ed. Porto Alegre: Artmed, 2004, 800 p.

DIMENSTEIN, Gilberto; ALVES, Rubem. *Fomos maus alunos*. 5 ed. Campinas: Papirus, 2003. 125 p.

FREIRE, Paulo. *Educação e mudança*. 34 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011. 111 p.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

HUIZINGA, Johan; *Homo ludens: O jogo como elemento da cultura*. 5 ed. São Paulo: Perspectiva, 2005. 243 p.

MOTTA, Luiz Gonzaga. *Narratologia: análise da narrativa jornalística*. Brasília: Casa das Musas, 2005. 96 p. (Coleção Textos em Comunicação ;52)

SAVIANI, Dermeval. *Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações*. 9. ed. Campinas: Autores Associados, 2005. 156 p. (Coleção educação contemporânea (Autores Associados)).

SOUZA, Jesus Fernando Vivas de. *A maquiagem no processo de construção do personagem*. 2004. 134 f. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) – Escola de Teatro, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2004.

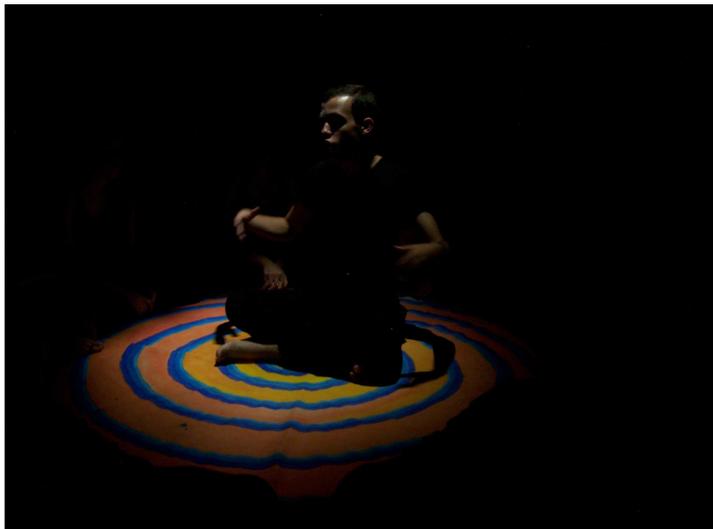
REVERBEL, Olga. *Teatro na escola: arte educação e pedagogia*. Scipione, 1996.

VELOSO, Jorge das Graças. *Licenciatura em teatro: Módulo 9, história do teatro 1*. Brasília: Athalaia – gráfica e editora, 2009. 40p.

Site WIKIPÉDIA a enciclopédia livre, Disponível em <<http://pt.wikipedia.org/>>. Acesso em 25 de novembro de 2011.

ANEXO A – Imagens das oficinas e da aula-espetáculo





ANEXO B – Questionários